

Paralelos entre sociolinguística e geolinguística: abordagens no livro didático

Jackson Cícero França Barbosaⁱ
Danielli Cristina de Lima Silvaⁱⁱ

Resumo: Um dos fatores capitais na obra do escritor pernambucano Gilvan Lemos é a representação das fases da existência humana. Em seu romance de estreia, *Noturno sem Música*, esse quadro já se faz presente. A narração em primeira pessoa por Jonas, jovem que também protagoniza a narrativa, é reveladora dos percalços do amadurecimento e, também, dos conflitos geracionais dele derivados. A partir do acompanhamento do percurso literário de Gilvan Lemos, promove-se uma leitura crítica do romance. O foco da investigação se dirige às percepções do narrador e do protagonista sobre si próprios e sobre os mais velhos, num jogo entre passado e presente marcado pelo contraste. Para a problematização acerca da infância, da juventude e da velhice, conta-se com os estudos de Buenaventura Delgado (1998), Bosi (1987) e Elias (2001) como fundamento. A caracterização do tempo na narrativa bebe das fontes oferecidas por Mendilow (1972) e Pouillon (1974).

Palavras-chave: Geolinguística. Dialectologia. Sociolinguística. Livros didáticos.

Parallels between sociolinguistics and geolinguistics: approaches in the didactic textbook

Abstract: We understand that in its wide territorial extension, Brazil presents a cultural, social and economic heterogeneity that is reflected in the Portuguese language, thus, with the intention of showing the contribution of sociolinguistics and dialectology to the knowledge of this linguistic diversity, this work comes raise/provoke reflections relevant to the approach of Brazilian geolinguistics in Portuguese language textbooks for secondary education. Based on studies by Cardoso (2010), Bagno (2007), Travaglia (2009), Ilari & Basso (2009) on a pedagogy proposal of linguistic variation and in the light of the PCN, it is intended to analyze these manuals and observe which types of variation are contemplated and how the concept of cultural norm/standard is worked. In the meantime, it is intended to (re)think existing concepts, in the academic field, about language, variation and teaching, so that discussions are raised that stimulate the reflection of our students within the variational linguistic field.

Keywords: Geolinguistics. Dialectology. Sociolinguistics. Didactic textbooks.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Compartilha Igual 4.0 Internacional

DLCV – Língua, Linguística & Literatura

ISSN 1679-6101
EISSN 2237-0900

ⁱ Doutor em Linguística pelo PROLING/UFPB. Professor substituto do Departamento de Letras do *Campus* III da UEPB. Membro – pesquisador dos grupos TEOSSENO/CNPq/UEPB e GIF/CNPq/UFPB. E-mail: jacksoncfb@gmail.com.

ⁱⁱ Mestra em Linguística pelo PROLING/UFPB. E-mail: imaanacrisdani@gmail.com.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Oriunda do ramo da Dialetoлогия, a Geolinguística prioriza as situações linguísticas presentes em cada local e mostra como essas exposições podem interferir nos estudos sincrônicos da língua oral e escrita. Levando em consideração que, na sua ampla extensão territorial, o nosso país apresenta uma heterogeneidade cultural, social e econômica que se reflete na língua portuguesa, os estudos da geolinguística são cruciais para conhecermos nossa realidade linguística.

Segundo Coseriu (1987 apud Cardoso, 2010, p. 22) é através do estudo da língua que mais nitidamente se observam os fatores sócio-geográficos acumulados de uma sociedade no transcorrer da história, atuando e modificando os falares de seus indivíduos. Nessa perspectiva, Cardoso (2010) aponta que a dialetologia busca, prioritariamente, estabelecer relações entre modalidades de uso de uma língua, ou de várias línguas, seja pela identificação dos mesmos fatos¹, seja pelo confronto presença/ausência de fenômenos considerados em diferentes áreas e

Estudando a língua, instrumento responsável pelas relações sociais que se documentam entre membros de uma coletividade ou entre povos, a dialetologia não pôde deixar passar ao largo a consideração de fatores extralinguísticos, inerentes aos falantes, nem relegar o reconhecimento de suas implicações nos atos de fala. (CARDOSO, 2010, p. 25).

A autora reconhece que foi Coseriu (1965, 1982 apud CARDOSO, 2010, p. 25) que deu à Dialetoлогия um caráter inicial de uma Ciência da Variação espacial, da delimitação dos espaços, do reconhecimento de áreas dialetais, contribuindo para uma visão de dialeto que extirpe preconceitos e seja desprovida de estigmatização (...).

A intensificação dos estudos da Geolinguística sugere que os estudos dialetológicos tornem-se mais precisos no sentido de que determinada prática permite penetrar no domínio dos falares vivos e interpretá-los com maior segurança científica. Esse ramo visa à descrição de marcas dialetais que atualmente vêm se tornando instrumentos precisos para a análise de realizações linguísticas presentes em diversificados contextos, estabelecendo-se como subsídio para a compreensão da história de determinada região, através das constituições culturais que se emanam em torno do ato da fala com padrões sociocomunicativos.

¹ Os fatos mencionados pela autora são presentes na citação de Rossi (1967, apud Cardoso, 2010, p. 45) “referindo-se ao caráter contextual da dialetologia, afirma que ‘o fato apurado num ponto geográfico ou numa área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais na medida em que se preste ao confronto com o fato correspondente – ainda que por ausência – em outro ponto ou em outra área’”.

Cardoso (2010, p. 10) reflete que a Geolinguística, por ser

uma área interdisciplinar, na qual diferentes especialistas podem contribuir para identificar e descrever áreas linguísticas e para conhecer as representações que os falantes constroem dos espaços linguísticos nos quais suas falas se dão em dinâmica territorial, logo se vê o que ela pode representar de segurança em nossa aproximação da “intrincada malha de variação de uso da língua portuguesa.

Seu caráter prescritivo condiciona a coleta, com bases geográficas², de um importante material de pesquisa para a interpretação histórica de fatos da língua: suas transformações, dinamismos, formalismos e marcas culturais diversificadas. Leite e Callou (2010) também corroboram com tal pensamento, afirmando que, a variação existente hoje em dia, nos permite reconhecer uma pluralidade de falares que são frutos da dinâmica populacional e da natureza do contato com diferentes grupos étnicos e sociais nos diferentes períodos da nossa história.

Nestes termos, os estudos linguísticos oferecem-nos um aparato teórico-metodológico que nos permite refletir sobre diversificadas questões que permeiam o universo da língua(gem), seja no âmbito de sua estrutura, seja no âmbito do seu uso ou da sua relação com a sociedade.

A atuação docente, fundada dentro da práxis do ensino, não deve se isentar de acompanhar todas as contribuições teóricas referentes à língua materna e ao seu processo de ensino-aprendizagem. Por isso, é importante refletir sobre os mecanismos de constituição linguística, idiosincrasias dos falantes das comunidades linguísticas, suas formas de exposição e tratamento linguístico, bem como o influxo da oralidade na escrita.

Hodiernamente, a questão do ensino de língua portuguesa tem sido foco de interesse de diversos pesquisadores, tais como: Bagno (2007; 2009); Castilho (1999); Antunes (2003); Dionísio e Bezerra (2005); Azeredo (2007); Faraco (2008) entre outros.

Diante da constatação de uma grave crise no ensino de língua materna, esses trabalhos re-discutem o ensino tradicional e promovem uma reflexão dos caminhos que podem ser trilhados pelos educadores de língua materna que se preocupam com a formação questionadora e crítica de seus alunos.

No bojo dessa discussão, os livros didáticos merecem uma atenção especial, uma vez que é o instrumento, por excelência, de milhares de professores de nosso país. A preocupação

² Para Cardoso (2010, p. 15) o espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso da história.

com a qualidade desse material didático se concretiza com a criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), instaurado em 1996 pelo Ministério da Educação. Esse programa visa avaliar os LDs do Ensino Fundamental a partir de critérios estabelecidos por uma equipe de pesquisadores da área de Educação, com base nas propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), criados em 1997.

Em relação ao Livro Didático de Português (doravante LDP), diversos estudiosos apontam alguns avanços alcançados na incorporação de conceitos fundamentais para o ensino de língua, como: letramento, gênero textual, discurso, coesão e coerência entre outros. No entanto, reforçam que ainda estamos muito aquém de um ensino de língua que forme, verdadeiramente, cidadãos competentes em sua língua, sabendo usá-la, adequadamente, em todas suas instâncias sociais. (cf. MARCUSHI, 2005; BAGNO, 2007; FARACO, 2008).

Face a essa diversidade de estudos, uma área tradicional, que vem tomando grande fôlego a partir da segunda metade do século XX, é a Dialectologia ou Geolinguística, cujo principal objetivo é identificar e descrever os diferentes usos pelos quais uma língua varia de acordo com sua distribuição espacial/geográfica, sociocultural e cronológica (cf. CARDOSO, 2010, p. 184). Num país como o nosso que apresenta uma grande extensão geográfica, além de heterogeneidade cultural, social e econômica, é extremamente importante que os responsáveis pelo ensino reflitam sobre

as peculiaridades sociais e geográficas da língua; sobre a finalidade de sua utilização; sobre a pluralidade de usos que se constata no falante; sobre a situação de contraste que, muitas vezes, vive o professor, **falante** de um dialeto, **professor** de alunos dialetalmente diferenciados e **mestre** da norma que pode não ser a do seu próprio cotidiano. (CARDOSO, 2010, p. 184, grifos nossos).

A questão ainda é mais crítica quando se trata do fenômeno da variação linguística, pois, embora muito propalada, sua abordagem nos LDP é, ainda, muito reducionista, restringindo-se à variação lexical e às diferenças de pronúncia. Dessa forma, não promove efetivamente um ensino que contemple todas as variedades e que combata o preconceito linguístico.

Nessa perspectiva, a fim de contribuir para esse movimento de reflexão e fornecer subsídios tanto para os autores de livros didáticos, quanto para os professores para que possam ter uma fonte a mais para auxiliar na escolha do material didático, pretendemos investigar como a Geolinguística brasileira é abordada nos livros didáticos do Ensino Médio e como o conceito de “norma culta/padrão” é explorado.

Além disso, a avaliação do livro didático de português para o Ensino Médio só começou a ser feita, recentemente, em 2004. Percebe-se que, em sua maioria, os autores abordam a temática da dialetologia e da variação, muitas vezes, por pressão e de forma muito limitada e equivocada, como veremos adiante.

Entendemos que, principalmente, nesse nível de escolaridade, essa questão deve ser abordada com maior profundidade e de forma mais crítica, já que, nessa fase, a escola trabalha com alunos de faixa etária maior e preocupados com o mercado de trabalho, Enem e vestibular. Discussões acerca da língua, das variantes de prestígio, das variantes estigmatizadas, da norma-padrão e seu valor como moeda de troca no mercado linguístico (nos termos de Bourdieu, 1996) são cruciais para ampliar o conhecimento do alunado e fornecer-lhe base para o desenvolvimento de sua competência comunicativa, aí inserido o domínio da norma padrão.

Assim, é emergente a implementação de uma abordagem dialetológica, de maneira mais profunda e mais séria que leve em consideração os mecanismos da Sociolinguística e da Variação Linguística nos LDP para que esses possam ser instrumento de reflexão sobre os usos da língua e suas diversas manifestações e, dessa forma, contribuir para o combate ao preconceito linguístico e, por extensão, a toda forma de exclusão social.

É importante que os LDP abordem a questão geográfica amparada pelo critério diatópico, mencione os trabalhos das instituições que elaboram os Atlas linguísticos por todo o Brasil e que os critérios que utilizados nos inquéritos da pesquisa geolinguística possam ajudar na reflexão sobre a relação desse ramo com o ensino de língua materna.

À luz dos pressupostos teóricos da Geolinguística (CARDOSO, 2010) e da sociolinguística de orientação laboviana, além de estudos sobre ensino e variação (BAGNO, 2007), realizamos a análise da abordagem da variação linguística em um livro didático de português do Ensino Médio, bastante utilizado em salas de aula nas redes de ensino do nosso país.

A partir desse estudo, pretendemos oferecer subsídios sobre a implementação dos estudos geolinguísticos nos manuais didáticos e estimular reflexão dos docentes, em formação ou já formados, sobre língua, variação e ensino.

DIALETOLOGIA E SOCIOLINGUÍSTICA: DUAS FACES DA MESMA MOEDA?

O advento da linguística moderna é totalmente direcionado aos estudos de Saussure, quando de sua vontade em elaborar um modelo abstrato, a língua, a partir de atos da fala.

Com isso, considerava que a língua não existe sem as pessoas que as falam e a história de uma língua, é a história de seus falantes (cf. CALVET, 2002, p. 12).

Para alcançarmos o foco da discussão, iremos à reflexão de Louis-Jean Calvet (2002) que reflete em todo seu estudo que a Sociolinguística nada mais é se não a própria linguística, devido a relação que alguns teóricos fazem sobre a língua ser um fato social³, a linguística, por sua vez, é uma ciência social.

Nesse *hall* de reflexões, temos a Dialetoлогия que, para Cardoso (2010), se estabelece no curso da história, como uma disciplina que tem a tarefa de identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, levando em consideração a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica.

A Dialetoлогия tem, assim, duas diretrizes, dois caminhos, no exame do fenômeno linguístico, que se identificam nos estudos dialetais: a perspectiva diatópica e o enfoque sociolinguístico. Examinar como se tem posto a teoria e como se tem revelado a prática, no que diz respeito a essas duas formas de tratar os fatos de natureza dialetal, é um objetivo a ser perseguido, examinando-se como a tradição e a modernidade têm respondido a esse enlace de perspectivas no campo da geografia linguística. (CARDOSO, 2010, p. 26).

A questão que se levanta é oriunda da confusão que, muitas vezes, se faz em relação à dialetoлогия e à sociolinguística, uma vez que ambas têm como objeto de estudo a variação linguística. Cardoso (2010) preocupa-se em esclarecer essa questão:

Apesar de ‘consideradas até certo ponto sinônimas’, dialetoлогия e sociolinguística, ao se ocuparem da diversidade de usos da língua, atribuem caráter particularmente individualizante no tratamento do seu objeto de estudo. O enfoque diatópico e sociolinguístico se faz presente em ambas. Distinguem-se, no entanto, na forma de tratar os fenômenos e na perspectiva que imprimem à abordagem dos fatos linguísticos. (CARDOSO, 2010, p. 26).

Para a autora, a dialetoлогия considera alguns aspectos para construção de seu *corpus*: a base é a descrição e a localização espacial dos fatos considerados dentro de uma realização diatópica. A sociolinguística, embora considere as diferenciações dentro de um aspecto espacial, volve o olhar para questões de correlação entre fenômenos linguísticos e extralinguísticos que resultam nas relações sociolinguísticas.

³ Ideologia marcada pela influência da teoria social de Émile Durkheim (MEILLET, 1965, p. 17, apud CALVET, 2002, p. 16).

Esse estudo trata o fenômeno da variação numa condição diatópica, revelando a pluralidade de termos e vocábulos existentes para o desígnio de uma coisa apenas, por exemplo. Assim

É comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer a “mesma” coisa. Algumas palavras como *carro* e *automóvel* parecem ter os mesmos referentes; outras têm duas pronúncias, como *cantando* e *cantano*. Existem opções sintáticas como *Uma pessoa que eu confio muito* vs. *Uma pessoa em quem eu confio muito* ou *É fácil para ele falar* vs. *Para ele falar é fácil*. Em cada um destes casos, temos o problema de decidir o lugar desta variação na estrutura linguística. (LABOV, 2008, p. 221).

O foco deste trabalho se dá para as construções teóricas que circundam o campo da dialetologia, amparada pela geolinguística, assumindo, de acordo com Cardoso (2010) seus dois caminhos: a perspectiva diatópica e o enfoque sociolinguístico.

As abordagens supracitadas fazem um apanhado geográfico das relações estabelecidas na fala dos brasileiros. Para tanto, servem como base alguns atlas que objetivam retratar a manifestação linguística de cada localidade. Sob esse prisma, surgiram no Brasil alguns atlas que retratavam aspectos peculiares da região de sua produção. Em Cardoso (2010) vemos que a apresentação cartográfica de tais dados põe lado a lado a informação diatópica e a informação sociolinguística.

O TRATAMENTO DA GEOLINGUÍSTICA/SOCIOLINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO

Neste capítulo, faremos uma breve descrição da metodologia utilizada nessa pesquisa e analisaremos a abordagem da geolinguística brasileira e o olhar sobre a variação linguística a partir de três livros didáticos de português do ensino médio.

SITUANDO O MÉTODO: A ANÁLISE

Para desenvolvimento deste trabalho, quanto aos seus objetivos, adotamos a pesquisa exploratória já que esta “se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado.” (cf. GONSALVES, 2007, p. 67).

Também será do tipo explicativo porque pretendemos buscar respostas, à luz das teorias da geolinguística e da sociolinguística bem como de documentos oficiais de educação

como PCN e PNLD, para as seguintes questões que nortearão nossa análise: Os textos usados para abordar a variação são manifestações autênticas da nossa realidade linguística? Há uma coerência entre o que é apresentado na parte teórica sobre variação e as propostas de atividades? Os manuais trazem as novas diretrizes estabelecidas pelo estudo da Geolinguística? Há uma relação fonético-fonológica com aspectos diatópicos estudados no ramo da dialetologia? O livro didático menciona a pluralidade de línguas que existe em nosso país? O tratamento da variação se limita a algum tipo? Por quê? O livro didático aborda adequadamente alguns conceitos como norma-padrão e norma culta? O livro didático explicita a variação existente entre fala e escrita ou apresenta a escrita como homogênea e a fala como lugar do erro? O livro didático combate o preconceito linguístico?

A fim de observar como se dão as construções teóricas que envolvem os estudos da Geolinguística Brasileira, analisamos um livro didático da primeira série do Ensino Médio, adotados nas escolas estaduais do município de Campina Grande - PB. O manual, “Português Linguagens1: literatura, produção de texto e gramática”, de Willian Roberto Cereja e Teresa Cochar Magalhães (2020), traz, no terceiro capítulo da primeira unidade, intitulado “Linguagem, comunicação e interação”, reflexões teóricas e propostas de exercícios acerca das noções de linguagem, língua e variedades linguísticas.

LINGUAGENS (CEREJA; MAGALHÃES, 2020)

O Capítulo 3 intitulado “Linguagem, comunicação e interação” inicia com uma seção chamada “construindo o conceito” na qual os autores estimulam a construção de conceitos como **comunicação** e **linguagem** a partir da reflexão de uma tirinha da Mafalda. Nessa reflexão, enfatizam o caráter interacional da linguagem, como atestam suas palavras: “na situação retratada na tira, as personagens se comunicam e interagem entre si, ou seja, o que uma diz acaba provocando uma reação na outra e vice-versa.” (p. 36). Na seção seguinte, “Conceituando”, os autores oferecem definições sobre linguagem verbal e não verbal, vinculadas à perspectiva sócio interacional a qual defende o aspecto interacional e dinâmico da língua. Até aqui os teóricos mostram-se coerentes com a abordagem adotada nesse manual, no entanto, quando iniciam as discussões pertinentes à língua, começam os acertos e equívocos em relação às teorias que estes trazem para o campo de discussão temática.

Uma das incoerências da obra incide na apresentação dos conceitos de língua e código inspirados na teoria saussuriana, de cunho formalista, como podemos comprovar nesse trecho da obra: “a língua pertence a todos os membros de uma comunidade; por isso faz parte do

patrimônio social e cultural de cada coletividade. Como ela é um código aceito por convenção, um único indivíduo isoladamente, não é capaz de criá-la ou modificá-la. A fala e a escrita, entretanto, são usos individuais da língua.” (p. 38) Ao estabelecer uma fronteira estrita ente língua e fala, sistema e uso, a dicotomia saussuriana rejeita a face heterogênea do sistema linguístico. Em relação a código, os autores oferecem a seguinte definição: “Código é um conjunto de sinais convencionados socialmente para a construção e transmissão de mensagens” (CEREJA; MAGALHÃES, 2020, p. 38). Aqui, a abordagem também se veste de critérios saussurianos, uma vez que encontramos essa perspectiva quando Saussure (1969, p. 18-23) considera a língua dentro de um prisma da realidade sistemática e funcional, categorizando esse aspecto com “sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas”; o código é um sistema onde de “essencial só existe a imagem acústica”. Com essas considerações, o linguista, em seu estudo, introduz o seu pensamento sobre a homogeneidade da língua, fator fortemente pautado nas suas teorias. Além disso, a definição prioriza a função informativa da língua o que vai de encontro à postura interacional que defende a ideia de que sempre que falamos ou escrevemos, temos a intenção de provocar uma reação em alguém para alcançar algum propósito comunicativo. Acreditamos que a adoção dessas noções estruturalistas restringe a possibilidade de reflexão e análise do discente acerca dos conceitos de língua e variação linguística.

Um aspecto positivo e interessante dessa seção é a preocupação em retratar a lusofonia, ou seja, contextualizar, historicamente e geograficamente, a língua portuguesa no mundo e, para isso, Cereja e Magalhães (2020) documentam essas informações a partir de uma indicação sobre o documentário “Língua – vidas em português” cujo entrevistado é José Saramago (prêmio Nobel de literatura portuguesa) e de trechos da Revista Língua portuguesa, um importante periódico dessa área. Vemos, aí, a inserção da geolinguística brasileira: “... ao ser publicada no Brasil, a tira foi traduzida para o português, língua trazida ao Brasil pelos portugueses durante a expansão marítima, no século XV. Em outros países, também colonizados por Portugal, como Moçambique, Angola, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné- Bissau, na África, e Timor Leste, na Ásia, o português também é a língua oficial.” (p. 38).

Após esse apanhado teórico, os autores introduzem as discussões acerca de variedades linguísticas. Evidenciam aspectos importantes dentro da teoria da Geolinguística ao considerarem que as pessoas podem apresentar diferenças na forma de falar devido à atuação de alguns fatores como: origem geográfica (perspectiva diatópica); faixa etária (perspectiva diageracional); grau de escolaridade (perspectiva diastrática) e grupo ou classe social

diferente (perspectiva diastrática). Ilustram essa parte com exemplo de variação lexical para o termo “pãozinho francês”, extraído da Revista Língua portuguesa, contemplando o uso do termo originário (na França), em Portugal e nas diversas regiões brasileiras.

No entanto, ao introduzirem a questão da variedade de prestígio, colocam os termos variedade padrão, norma culta e língua padrão como sinônimos, comprometendo a lisura teórica de sua produção. Como vimos, no capítulo 3, Bagno (2007) diferencia esses termos. Define norma-culta como o uso real da língua falado pela elite brasileira e chama norma – padrão o modelo cristalizado nas gramáticas normativas.

Além da variação lexical, no tópico “dialetos e registros”, os autores fornecem informações e exemplos de variação territorial (diatópica) e de variação de registro (diafásica). Para o primeiro tipo, ilustram-no com um poema feito pelo poeta Xanana Gusmão, do Timor Leste (Oceania), escrito em português, mas com mescla de palavras do *tétum*, língua nativa. Cereja e Magalhães (2020) afirmam que “o poeta cria o poema com uma variação de língua portuguesa que só faz sentido em seu país.” (p. 41). Acreditamos que esse exemplo não ilustra bem a variação diatópica já que, ao que parece, retrata o contato de dois sistemas linguísticos distintos, evidenciando casos de empréstimos linguísticos e não de variação intralinguística propriamente dita.

Para a variação diafásica, contemplam fatores como: modalidade, grau de formalismo e gírias. Observamos que essa parte é a mais problemática dessa unidade e incoerente com a proposta pedagógica norteadora do livro.

Em relação às modalidades falada e escrita, reforçam uma visão dicotômica na qual a fala é vista como caótica, não- planejada, desordenada e com construções sintáticas menos elaborada e a escrita, configura-se como elaborada, planejada e com construções mais complexas. Quanto aos níveis de formalismo, reduzem a questão a apenas dois tipos: formal e coloquial. Associam o primeiro à variedade padrão e à escrita de bons jornais e revistas. Relacionam o segundo tipo à língua falada nas conversas diárias. Esse conjunto de informações revela uma visão de língua muito restrita e reducionista, omitindo a informação de que tanto fala quanto escrita podem configurar em situações formais e coloquiais. Constata-se a tradicional primazia da escrita em detrimento à fala. A questão que se levanta é: esse procedimento é coerente com a proposta sociointeracional tão proclamada nesse manual?

Para conferir credibilidade a essa postura conservadora, os autores reportam a pesquisadores consagrados nos estudos linguísticos contemporâneos como Luiz Carlos Travaglia e Ingedore Koch. No entanto, as citações são descontextualizadas na medida em que se constata nas obras fontes outra postura.

No tópico “Gíria”, observamos mais um equívoco de natureza teórica e uma postura preconceituosa implícita. Tecem uma distinção entre gírias e jargões, definindo a primeira como uma variedade de língua criada por um grupo social como “fãs de *rap*, de *funk*, de *heavy metal*, os surfistas, os esqueitistas, os grafiteiros, os *bikers*, os policiais etc.” (p. 42) e dizem que “quando restrita a uma profissão, a gíria é chamada de jargão.” (p. 42) e citam, como exemplo, profissões como jornalistas, médicos e dentistas. Ao incluir a variedade usada pelos policiais como gírias e não como jargão, nota-se, implicitamente, um preconceito social em relação a essa categoria que não recebe o mesmo *status* de outras profissões.

Até aqui discorremos acerca da parte conceitual do livro analisado, quanto às propostas de atividades, constatamos que elas refletem o mesmo posicionamento incoerente e equivocada presente na unidade em questão. A geolinguística brasileira é representada de uma forma bem diversificada, já que os autores mostram variedades diatópicas, representativas das seguintes áreas: nordeste, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia, São Paulo. Já nessa distribuição há uma incoerência: utilizam o termo nordeste, de um lado, e colocam o estado da Bahia, de outro, como se esse não fizesse parte daquela região. Não há aqui uma preocupação em discriminar as diferenças entre os diversos falares do nordeste como atestam os atlas linguísticos regionais. Além disso, os falares do norte parecem inexistentes já que não se encontra nenhuma menção a variedades próprias dessa região. No entanto, demonstram, novamente, uma visão preconceituosa em relação à variedade não-padrão. Essa é, geralmente, associada a situações humorísticas como revela o seguinte enunciado dessa questão: “1- O texto que segue, desprezando as normas da língua escrita, procura reproduzir o jeito como supostamente se fala em certas regiões de Minas Gerais. Sua finalidade, portanto, é estritamente humorística. Leia-o.” (CEREJA; MAGALHÃES, 2020, p. 42). Várias questões estão imbricadas nessa proposta de atividade. Primeiro, não há uma preocupação em precisar a variedade utilizada “certas regiões de Minas Gerais”; segundo, a língua falada é tratada sob o prisma da escrita, vista como padrão, “desprezando as normas da língua escrita” e, por último, trata essa variedade de forma desprestigiada e desrespeitosa com os falantes que se identificam com essa forma de falar. Esse procedimento não promove uma reflexão acerca do uso da língua e nem uma conscientização efetiva sobre o preconceito linguístico.

Vemos, então, que a abordagem da variação linguística, presente nesse manual, se reveste de preconceitos, equívocos e incoerências. Essa postura vai de encontro à proposta dos PCN que afirmam:

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum considerar as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação de respeito à diferença. (PCN, p. 26).

Tudo isso corrobora para uma postura equivocada e superficial do fenômeno da variação não atingindo, dessa forma, os resultados esperados para o ensino de língua: a promoção de um ensino crítico, reflexivo e eficiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, podemos estabelecer algumas considerações entre as teorias alçadas na área da geolinguística e da sociolinguística e sua abordagem nos livros didáticos de português.

Vimos que os LDP consideram, parcialmente, aspectos relacionados a essa temática. Procuram retratar a diversidade da língua portuguesa através das várias regiões do país, mas não contemplam todas equitativamente. A região norte nem sequer é citada. A região nordeste é catalogada de forma genérica, ou seja, a impressão que se tem é que todos os falantes dessa área usam a língua de maneira homogênea. Usos linguísticos de áreas rurais são retratados de forma preconceituosa. Como ficam os alunos dessa região que não se identificam com nenhuma variedade apresentada nesses manuais e se sentem discriminados? Ao tratar dos fenômenos linguísticos, abordam apenas aspectos de variação lexical e fonética, refletindo ainda uma visão muito reducionista da variação linguística. (cf. BAGNO, 2007; MARCUSCHI, 2005).

Além disso, os textos utilizados, geralmente, nos LDP, recebem um tratamento inadequado, primeiro, porque não são representações fiéis das variedades linguísticas que eles supostamente veiculam e, segundo, porque não são explorados o gênero textual, seu propósito, a modalidade e outros fatores. Tudo isso revela a desconsideração dos manuais linguísticos em relação a toda produção de pesquisas linguísticas já realizadas em nosso país.

Apesar desses aspectos negativos, percebemos que há um avanço em relação à reflexão sobre o papel da norma-padrão numa sociedade letrada como a nossa e à importância da adequação linguística. Dos três manuais analisados, vimos que o livro de Faraco (2010) apresenta uma abordagem da variação linguística de forma mais coerente com os estudos

teóricos dessa área. Levantando, de forma crítica, algumas questões relevantes acerca do ensino de língua: necessidade de valorizar todas as variedades linguísticas como forma de identidade cultural, importância da padronização linguística, elegendo uma variedade – padrão para os usos mais formais da língua, reflexão sobre a pluralidade linguística do nosso país e adequação linguística de acordo com as diversas situações comunicativas. No entanto, deixa a desejar no que tange ao aproveitamento das contribuições da geolinguística brasileira, já que nos oferece uma pequena quantidade de exemplos superficiais e genéricos que não retratam a realidade linguística brasileira.

Assim, esperamos ter contribuído para a elucidação de alguns aspectos presentes nos manuais didáticos que são importantes para o professor de língua exercer seu papel político-educacional no que se refere à formação linguística e cidadã de nossos educandos.

REFERÊNCIAS

- ANGELIM, R. C. C.; SILVA, E. V. da. Variação, gênero textual e ensino. In: PAULIUKONIS, M. A.; GAVAZZI, S. (orgs.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- ANTUNES, I. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAGNO, M. *Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia e exclusão social*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- BAGNO, M. STUBBS, M.; GAGNÉ, G. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.
- BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 52. ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- BRASIL, Ministério da Educação (MEC). *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília, 1997.
- BRASIL, Ministério da Educação (MEC). *Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: Secretaria da Educação Básica, 2006.
- BRASIL, Ministério da Educação (MEC). *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio*. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.

- BUNZEM, C.; MENDONÇA, M. (orgs.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006.
- CALVET, L.-J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMARA JUNIOR, J. M. *Dicionário de linguística e gramática*. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CAMPOS, E.; CARDOSO, P. M.; ANDRADE, S. L. *Viva português: ensino médio*. vol. 1. São Paulo: Ática, 2010.
- CASTILHO, A. (coord.). *Gramática do português falado*. 8 vols. São Paulo, Campinas: Humanitas (FFLCH-USP), Editora da Unicamp, 1991-2002.
- CASTILHO, A. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1999.
- CARDOSO, S. A. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.
- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português: linguagens*. vol.1. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2020.
- DIONISIO, Â. P. Variações linguísticas: avanços e entraves. In: DIONISIO, Â. P; BEZERRA, M. A. (orgs). *O livro didático de português: múltiplos olhares*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- DUARTE, M. E. L. *Ensino da língua em contexto de mudança*. Cadernos do IV Congresso de Linguística e Filologia, Vol.4, no. 12, 2001, p. 51-61. UERJ.
- FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.
- FARACO, C. A. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, M. (org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.
- GERALDI, J. W.; SILVA, L. L.M.; FIAD, R. S. Linguística, ensino de língua materna e formação de professores. *DELTA*, v. 12, n. 2, 1996.
- GOMES, M. L. C. Variações linguísticas. In: GOMES, M. L. C. *Metodologia do ensino de língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 2009.
- GONSALVES, E. P. *Conversas sobre iniciação à pesquisa científica*. 4. ed. Campinas: Alínea, 2007.
- GUIA DE LIVROS: PNLD 2012: Língua portuguesa. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2011.
- ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- LEITE, Y; CALLOU, D. *Como falam os brasileiros*. 4.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In: DIONISIO, A. P. BEZERRA, M. A. (orgs.). *O livro didático de português: múltiplos olhares*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MEDEIROS, J. B. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. 12. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. *Padrões sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

RODRIGUES, A. Dall’Igna. Problemas relativos à descrição do português contemporâneo como língua padrão no Brasil. In: BAGNO, M. (org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1969.

SELBACH, S. (org.). *Língua portuguesa e didática*. Petrópolis: Vozes, 2010.

SOUSA, A. J. *Geografia linguística: dominação e liberdade*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

TARALLO, F. L. *A pesquisa sociolinguística*. 8.ed. São Paulo: Ática, 2008.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2009.